

**Vanessa Galindo Alves de Melo**



Universidade Federal de Pernambuco- Campus  
Agreste (UFPE/CAA)  
[vanessa-gam@hotmail.com](mailto:vanessa-gam@hotmail.com)

**Juliana Silva Almeida**



Universidade Federal de Pernambuco- Campus  
Agreste (UFPE/CAA)  
[julianaalmeidaufpe@gmail.com](mailto:julianaalmeidaufpe@gmail.com)

**Conceição Gislane Nóbrega Lima de  
Salles**



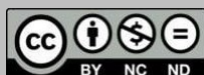
Universidade Federal de Pernambuco- Campus  
Agreste (UFPE/CAA)  
[cjislane@terra.com.br](mailto:cjislane@terra.com.br)

**Submetido em:** 19/02/2022

**Aceito em:** 22/03/2022

**Publicado em:** 27/04/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n34p21-36](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n34p21-36)



## “PORQUE SE SUJAR FAZ MAIS ALEGRIA!”: A HOSPITALIDADE DOS DIZERES DAS CRIANÇAS E DA INFÂNCIA PARA PENSAR O CURRÍCULO

### RESUMO

O presente texto parte de uma hospitalidade incondicional como possibilidade de acolher a potência dos gestos e dos dizeres das crianças e da infância que anunciam a existência dos (im)possíveis, dos (des)encontros e (des)convites à composições outras para pensar o currículo. A produção dos dados, com base na inspiração cartográfica, nos levou a deslocamentos junto às crianças-cártografas, por entre linhas molares, moleculares e linhas de fuga. Em meio as formas universalizadas e majoritárias que envolve os currículos, as crianças invencionavam e afirmavam às existências mínimas: currículos plurais, coloridos, alegres, alteritários, que pulsam vida no território *currículoescola* da Educação Infantil e dos Anos Iniciais.

**Palavras-chave:** Currículo. Infância. Hospitalidade. Educação Infantil. Anos Iniciais.

### "BECAUSE GETTING DIRTY MAKES MORE JOY!": THE HOSPITALITY OF CHILDREN AND THE SAYINGS OF CHILDHOOD TO THINK ABOUT THE CURRICULUM

### ABSTRACT

This text is based on unconditional hospitality as a possibility to welcome the power of the gestures and sayings of children and childhood that announce the existence of the (im)possible, the (mis)encounters and (un)invitations to other compositions to think about the curriculum. The production of data, based on cartographic inspiration, led us to travel with child-cartographers, between molar, molecular and scape lines. In the midst of universalized and majority forms that involve the curricula, children invented and affirmed the minimal existences: plural, colorful, joyful, alteritarian curricula, which pulsate life in the curriculum-school territory of Early Childhood Education and the early years.

**Keywords:** Curriculum. Childhood. Hospitality. Childhood Education. Early Years

### “¡PORQUE ENSUCIARSE HACE MÁS ALEGRÍA!”: LA HOSPITALIDAD DE LOS NIÑOS Y LOS DICHOS INFANTILES PARA PENSAR EL CURRÍCULO

### RESUMEN

El presente texto parte de una hospitalidad incondicional como posibilidad de acoger el poder de los gestos y dichos de los niños y la infancia que anuncian la existencia de los (im)posibles, los (des)encuentros y las (des)invitaciones a otras composiciones para pensar sobre el currículo. La producción de los datos, basada en la inspiración cartográfica, nos llevó a movimientos con los niños-cartógrafos, entre líneas molares, moleculares y de fuga. En medio de las formas universalizadas y mayoritarias que envuelven los currículos, los niños inventaron y afirmaron las existencias mínimas: currículos plurales, coloridos, alegres, alteritarios, que pulsan la vida en el territorio currículo-escuela de la Educación Infantil y los Primeros Años.

**Palabras clave:** Currículo. Infancia. Hospitalidad. Educación Infantil. Primeros años.

## 1. INÍCIOS DE UMA ANDARILHAGEM...

Ele era um andarilho.  
Ele tinha um olhar cheio de sol  
de águas  
de árvores  
de aves.  
Ao passar pela Aldeia  
Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos  
O silêncio honrava a sua vida.  
(BARROS, 2004, p. 75).

Os versos que abrem essa tessitura escriturística nos atravessou e mobilizou-nos ao encontro das crianças e da infância do agreste pernambucano. Andarilhamos com elas pelo território *currículoescola*<sup>1</sup> em abertura a um gesto de acolhida aos dizeres de uma infância que diz de si mesma e do mundo ao seu redor...

Nosso objetivo primeiro, foi articular e entrelaçar os diferentes movimentos de duas pesquisas de mestrado mobilizadas por uma questão e suas linhas rizomáticas: Quais os possíveis de um gesto de hospitalidade que acolhe os dizeres das crianças e da infância para pensar o currículo?

Provocadas por Manoel de Barros (2004) e por essa infância outra, fomos convidadas a (des)formar as certezas cristalizadas. Um convite para transver o mundo, a escola e os currículos, que só é possível àqueles se permitem acolher o outro e sua questão, portada em sua própria língua. Um gesto de hospitalidade.

Gesto que nos atravessou no sentir, no caminhar e no perguntar... O Gesto enquanto uma possibilidade de encontro com um tempo infantil, com um tempo que dura e que permite deslocamentos pelo presente sem as preocupações com o fim, com o depois (AGAMBEN, 2005). Pode ser pensado como ação, uma ação que suporta e sustenta (AGAMBEN, 2017), como uma ação que é gestada e nos liga a esfera mais humana da vida, ao nos fazer lembrar que estamos vivos (SKLIAR, 2019) e, podemos sentir, desejar, brincar, encantar-se pelo aprender e ensinar, ler e escrever, sem necessariamente pensar em uma finalidade ou um produto (SKLIAR, 2019).

Acolhemos as crianças, a infância e por elas fomos acolhidas. Experimentamos a possibilidade de desterritorializarmo-nos junto a potência da infância, mobilizados pelo gesto da hospitalidade incondicional que tal como expõe Derrida (2003), exige que eu

---

<sup>1</sup> A estética de escrita e a junção dos termos é utilizada por alguns teóricos envolvidos nas pesquisas no/do cotidiano, a exemplo de Nilda Alves (2003), a fim de romper com a dicotomização instaurada pela ciência moderna e servindo como forma de potencializar outros tantos sentidos.

abra a minha casa ao outro, estrangeiro, e o deixe vir, o deixe chegar, para que eu possa acolhê-lo abertamente sem impor-lhe condições.

Esse gesto alteritário nos abriu possibilidades de saber o que não sabíamos e de (re)pensar o que achávamos que entendíamos. Pois, a infância como alteridade, requer nossa iniciativa para recebê-la, ao nos colocarmos na escuta dos seus dizeres.

Fomos provocadas a pensar para além de uma educação dogmática, ou de conceitos homogeneizadores, totalizantes, nos movemos em linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1997) na composição de uma experiência outra com a discussão da infância e do currículo a partir de encontros potentes com nossos intercessores teóricos e suas contribuições: as crianças, as professoras, Manoel de Barros (2004), Agamben (2005), Kohan (2004), Skliar (2019), Larrosa (2006), Carvalho (2009; 2012), Corazza (2013), Lopes (2015), Derrida (2003) e outros.

Nesta direção, tecemos nossas reflexões a partir das andarilhagens, dos encontros, dos afetos e de deslocamentos que nos possibilitaram pensar a estrutura dessa escrita-convite em algumas pausas, semelhante ao andarilho que para em seu trajeto e é atravessado pela experiência da contemplação. No primeiro momento, iniciamos nossas reflexões a partir da instauração de encontros para problematizar as concepções e a articulação dos conceitos de infância, gesto, hospitalidade e currículo. No segundo momento, trazemos o percurso teórico-metodológico onde traçamos um plano e nele nos movemos, criando possibilidades de caminhar, movidas por conversações e instaurações nossas, das crianças, por vezes das professoras, que reverberaram em vários desvios, nos convocando a outras percepções: a olhar com as crianças e com os andarilhos a partir de sua “visão comungante e oblíqua das coisas” (BARROS, 2010, p.187). No terceiro momento, damos continuidade às reflexões a partir do que nos diz os encontros com as crianças, suas expressões de desejos, seus protestos, seus gestos, como possibilidade de pensar a existência de currículos-outros que acolham a estrangeiridade da infância e toda sua potência.

Assim, objetivamos cartografar os gestos e dizeres infantis para pensar com as crianças outros possíveis para o currículo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais. Pensar essas coisas com as crianças e a infância que nos habita. Por isso, esse texto, é mais uma escrita-convite, um gesto de dar a ler, um exercício para olhar a infância, a escola, o currículo e o mundo.

## 2. (DES)ENCONTROS E (DES)CONVITES À COMPOSIÇÕES COM A INFÂNCIA, O CURRÍCULO E A HOSPITALIDADE

A ideia de infância se desloca, em um contexto histórico, a partir de alguns sentidos e imagens que lhe são atribuídas: pensadas em uma relação de igual para igual com o adulto- adulto em miniatura-, como uma etapa ou fase cronológica da vida humana que termina com a entrada na adolescência. Essa tentativa de captura em torno de um conceito do que é a infância, também é perceptível nas esferas sociais, políticas e científicas, bem como na educação pensada para as crianças.

Esse movimento de pensar para a infância e as crianças passou a ser contestado, uma vez que emergiu no âmbito de diversos estudos a necessidade de pensar mais com elas e não apenas sobre elas. Houve um aumento na quantidade de pesquisas que passaram a considerar a ótica das crianças, inicialmente, visibilizado por estudiosos da Sociologia da Infância e hoje problematizado, também, por outras áreas. Questões que se tornam emergentes, uma vez que, na trilha histórica, as crianças eram vistas como imaturas, seres incompletos, *in fans*, no sentido etimológico da palavra, que significa o que não fala ou o não falante (HANSEN, 2022).

Dentre os aspectos que justificavam a importância e urgência de que as investigações considerassem as vozes das crianças, destaca-se a ruptura com a lógica adultocêntrica presente nos estudos (CRUZ, 2009). Em concordância, Ramos (2011) aponta a necessidade de que as investigações pensem nas crianças, nos seus contextos, seus modos de negociar e interagir em grupo, através da escuta de suas diversas formas de expressão.

Aceitando o (des)convite às composições outras, nos encontramos com a possibilidade de pensarmos a infância a partir de uma experiência filosófica. Pensá-la não somente como uma fase ou etapa da vida humana, mas indo além do que nos é dado, uma infância como experiência (KOHAN, 2007; AGAMBEN, 2005), o outro (LARROSA, 2006; SKLIAR, 2003), nomadismo, devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997), como potência, força vital (KOHAN, 2021). Uma infância que não se associa a um tempo específico, mas como uma condição da experiência brinda e habita outro tempo, e não se associa aos anos que se tem, mas à experiência de vida que se afirma (KOHAN, 2007), podendo habitar a criança, mas também o adulto, o idoso, as professoras, mas, também, uma ideia, um pensamento, uma pergunta. E por que não pensar uma infância que habita os

andarilhos, o poeta Manoel de Barros, as professoras-pesquisadoras e que pode habitar os Currículos da Educação Infantil e dos Anos Iniciais?

Essa infância nos tomou pela mão e nos convidou a dar passagem a fluxos de acontecimentos para um outro encontro com as discussões curriculares, pensando o currículo não somente como uma grade curricular, um documento prescritivo, mas, indo além, extrapolando as perspectivas totalizadoras, hegemônicas, cristalizadas e atravessadas por linhas duras, molares. Linhas que fixam os territórios e os delinham, mantendo-os sob controle (DELEUZE; PARNET, 1998).

Escapamos com as crianças-cartógrafas (CORAZZA, 2013) e com elas passamos a olhar o currículo por diferentes caminhos e possibilidades, a partir do que estava sendo feito na escola (LOPES, 2015). Pensar currículos em articulação com a vida, à medida que nos envolvemos com ele, refletimos sobre e com ele (CARVALHO, 2009) e que são invencionados com as crianças e a infância, em um devir-criança (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Desejosas de outras conexões com a escola, as crianças-cartógrafas nos levaram ao encontro de linhas mais flexíveis, moleculares (DELEUZE; PARNET, 1998), desvios, que se desenhavam à medida que exploram o território *currículoescola*. E andarilhar por essas linhas só seria possível na companhia de quem na escola habita. Por isso, Corazza (2013) ao falar das crianças afirma que elas são,

Cartógrafas, porque exploram os meios (das aulas, escolas, parques), fazem trajetos dinâmicos pelas vizinhanças (das ruas, campos, animais), traçam mapas virtuais (dos currículos, projetos político-pedagógicos), em extensão e intensão, que remetem uns aos outros, e que elas superpõem aos mapas reais, cujos percursos, então, são transformados. Como mapeadoras extensivas dos movimentos das relações pedagógicas de poder e dos deslocamentos de saberes curriculares, as crianças redistribuem impasses e aberturas desse poder, limiares e clausuras desses saberes, limites e superações dos seus modos de subjetivação, em busca do Acontecimento – que elas sabem não se tratar de fatos educacionais, dados históricos, práticas pedagógicas, embora ele não exista fora dessas efetuações, só que, nelas e em seu existir atual, o Acontecimento não se esgota, porque é imaterial, incorporeal e virtual. Como mapeadoras intensivas de afetos (ativos e alegres, passivos e tristes), as crianças produzem constelações educacionais que preenchem suas deambulações sociais. (CORAZZA, 2013, p. 20-21)

O encontro com as crianças-cartógrafas e com os intercessores teóricos nos possibilita pensar o currículo, tal como nos provoca Carvalho (2012) em suas conversações com professores.

Partindo de uma definição de currículo para além de uma grade curricular, ou seja, como conhecimentos, afetos e linguagem, que atravessam os *espaçostempos* escolares, conjugando vivências a saberes e fazeres

expressivos, informativos e comunicativos, os professores afirmam a necessidade de ouvir a voz da infância e da adolescência que na escola habita. (CARVALHO, 2012, p.44)

Para a autora, esse movimento de resistência, revela uma relação entre adultos e crianças, que se dá na afirmação dos encontros. Esses dizeres revelam outros modos de produção curriculares que considera “[...] a importância de a fala das crianças [...] como a dos *adultos professores* não serem negadas e/ou definidas “de fora”, colocando, desse modo, para alunos e professores discursos de outros em suas bocas [...]” (CARVALHO, 2012, p.45).

Ouvir a voz da infância que habita a escola provoca uma abertura no campo dos possíveis para a multiplicidade de vida e dos currículos a partir do gesto de “Dar a escuta” (SKLIAR, 2019) a infância e as crianças como habitantes desse território. Um gesto de hospitalidade. Mas o que seria essa hospitalidade? Quais os possíveis dessa abertura ao outro através da hospitalidade?

Em um exercício de diálogo com o filósofo francês Jacques Derrida (2003) sobre o conceito de hospitalidade, chegamos, ao que nosso intercessor aponta como as tensões insolúveis que a marcam, uma vez que depende do que vai entender por hospitalidade incondicional e por hospitalidade condicional. Enquanto a primeira abre sua casa ao outro, totalmente anônimo, e o acolhe sem lhe impor condições, antes mesmo de saber quem é ou perguntar qualquer coisa. Uma acolhida que acontece sem a existência de quaisquer regras nem para quem hospeda e nem para o sujeito que será hospedado. A segunda, configura-se como a hospitalidade no sentido corrente, aquela que impõe condições, direitos e deveres, ao que chega e que de antemão para ser hóspede tem que ter um nome próprio, pois, não é oferecida aquele que chega anônimo (DERRIDA, 2003).

Para Derrida (2003) a hospitalidade incondicional seria entendida pelo princípio do acolhimento total, sem interrogações, uma vez que remove os obstáculos que nos separam do Outro, preservando quem ele é independente de quem seja e de onde venha, permitindo que traga em sua língua sua própria questão.

A hospitalidade pura ou incondicional, a hospitalidade em si, abre-se ou está aberta previamente para alguém que não é esperado nem convidado, para quem quer que chegue como um visitante absolutamente estranho, como um recém chegado, não identificável e imprevisível, em suma, totalmente outro. (DERRIDA, 2003, p. 15)

Ao problematizar a hospitalidade, Skliar (2008), nos leva a entender que o outro não deve ser tematizado ou questionado, mas, é necessário um movimento de ir ao

encontro desse outro, totalmente outro, e pensar em sua pergunta na sua própria língua, ao invés de perguntar-lhe e desejar que este responda na língua de quem o acolhe.

Dessa forma, pensar a hospitalidade incondicional, tão desejada por Derrida, significa pensar esta possibilidade sem condições, na vinda do Outro, para além de uma hospitalidade condicionada e suas leis. Uma hospitalidade como gesto, como encontro, como uma relação de outros, como “[...] a experiência do inesperado, do desconhecido, do imprevisto” (BURITY, 2018, p. 132).

E falar de hospitalidade nos desloca a pensar na estrangeiridade da infância. Ou como nos diz Larrosa (2003, p.184) “[...] a infância é o outro: o que, sempre muito além do que qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas [...]”.

Pensar a infância na perspectiva da alteridade é pensar essa inquietude, os questionamentos e o vazio que ela imprime (LARROSA, 2003) e acolhê-los incondicionalmente. Pensar e escutar sua palavra, sua pergunta e estar aberto a aprender com ela a problematizar os discursos hegemônicos que fixam os currículos e que tentam governar e silenciar a infância.

É aceitar o convite da infância e das crianças e com elas escapar em linhas de fuga para fazer emergir a novidade do outro, afinal “Elas têm muito a dizer sobre a escola onde estudam e têm muito a contribuir com os currículos escolares” (PEREIRA, 2012, p. 110).

### **3. CAMINHOS METODOLÓGICOS DE DUAS PESQUISAS ANDARILHAS**

Nossas andarilhagens nos conduziram a habitação de dois territórios existenciais: um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI e uma Escola da Rede Municipal de Ensino, ambas situadas no agreste Pernambucano. Participaram da pesquisa crianças, com idades entre 5 e 7 anos, que faziam parte das turmas de Pré-escola e dos Anos Iniciais, nas respectivas instituições. Em nossos movimentos de deslocamentos com as crianças buscamos cartografar os gestos e dizeres infantis para pensar com as crianças outros possíveis para o currículo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais.

A fim de potencializarmos os encontros com as crianças-cartógrafas em seus mapeamentos extensivos e intensivos (CORAZZA, 2013) do território *currículoescola*, nos colocamos em aberturas para acolher a potência das suas questões e para pensar uma

pesquisa não sobre crianças, mas “com” elas, que se faz na hospitalidade (DERRIDA, 2003).

Com inspiração na cartografia, desenhamos os primeiros itinerários e por eles andárilhamos abertas aos imprevistos e acontecimentos que surgiam no primar da caminhada. Assim, a produção dos dados acontecia “[...]em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 73). Habitamos os diferentes *espaçostempos* das instituições: sala de aula, pátio, refeitório, sala dos professores, biblioteca e por eles ziguezagueamos com as crianças, experienciando uma multiplicidade de encontros que potencializavam outros devires, pois, “são nos desvios, nos impulsos, que o inesperado opera, atravessando-nos por outros modos de se pensar e viver a sala de aula” (FARIA; LOURENÇO, 2012, p. 162) e, também, o currículo.

A produção dos dados aconteceu por meio de observação participante, anotações no diário de campo, gravações em vídeo e áudio dos momentos de participação das crianças. Encontros acompanhados de cuidados éticos e de respeito à dignidade humana dos sujeitos na produção dos dados da pesquisa com base na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016<sup>2</sup> que orienta os procedimentos metodológicos que envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes da pesquisa.

Os encontros se abriram à hospitalidade dos gestos e dizeres das crianças e da infância e foram movidos por conversações e instaurações, invencionadas pelas pesquisadoras, pelas crianças, por vezes das professoras. As conversas eram abertas e aconteciam em muitos momentos, eram convites mútuos, para habitar um outro tempo. Um tipo de hospitalidade, que pode ser considerada como a “[...] a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e a partilhar com o outro o que nos habita [...]” (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p. 36). Nesta direção, as conversações aconteceram com grupos de seis crianças em diferentes espaços da instituição, escolhidos por elas próprias (biblioteca, grama do pátio, recepção, anfiteatro).

As instaurações como movimentos que atravessaram as pesquisas, de forma muitas vezes imprevisível, também mobilizaram as conversações e fizeram emergir o que já estava ali no cotidiano, como “[...] abertura em uma experimentação criadora”

---

<sup>2</sup> BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. O documento dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Seção 1, p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.



(LAPOUJADE, 2017, p. 44), mobilizada através de brincadeiras, partilhas de segredos, cumplicidade, contação de histórias, oficinas com materiais não-estruturados, momentos lúdicos e muitas desterritorializações.

Nesse exercício cartográfico, procuramos nos aproximar da infância numa disposição de escutar o que ela traz consigo, chegar-nos a ela e abrir um lugar para acolhê-la.

A infância fala uma língua que não se escuta. A infância pronuncia uma palavra que não se entende. A infância pensa um pensamento que não se pensa. Dar espaço a essa língua, aprender essa palavra, atender esse pensamento pode ser uma oportunidade não apenas de dar um espaço digno, primordial e apaixonado a essa palavra infantil, mas também de educarmo-nos a nós mesmos, a oportunidade de deixar de situar sempre os outros na outra terra, no des-terro, no estrangeiro, e poder alguma vez sair, pelo menos um pouquinho, de nossa terra pátria, nosso cômodo lugar. Essa parece ser uma das forças da infância: a de uma nova língua, de um novo, outro, lugar para ser e para pensar, para nós e para os outros (KOHAN, 2009, p. 59).

Acolher essa língua infantil, como nos provoca a pensar o Kohan (2009), e aprender com ela, como àquele que abre sua casa, “Chez-soi” (DERRIDA, 2003, p. 69) para dar a escuta a essa infância que se diz e nos diz sobre o mundo, a escola, o currículo na Educação Infantil e nos anos iniciais.

Inspiradas por esses encontros, seguimos o caminho das perguntas: Que potências agiram nesse encontro das crianças e da infância do agreste pernambucano com a pesquisa e com o currículo?

## 4. OS CURRÍCULOS-OUTROS INVENCIONADOS PELOS DEVIRES DA INFÂNCIA

*‘Tia sabe por que eu gosto de se sujar?  
Porque se sujar faz mais alegria! Se sujar a  
pessoa fica toda pintada aí eu gosto de se  
sujar!’*

(MÔNICA- CONVERSÇÕES, 2019)

Como problematizar o cotidiano e sua micropolítica nos currículos invencionados pelos habitantes dos territórios? Como olhar para as miudezas e para as existências mínimas que habitam o cotidiano escolar?

Os deslocamentos com as crianças-cartógrafas em seus traçados dos mapas virtuais dos currículos, em extensão e intensão, por entre os meios e os afetos

(CORAZZA, 2013) transformavam nosso percurso e o nosso olhar. Corpos que se afetavam e mobilizavam convites para olhar o que está sendo feito na escola. E, a partir desse olhar “[...] mobilizar diferentes caminhos e diferentes possibilidades curriculares [...]” (LOPES, 2015, p.455), apostando numa perspectiva mais plural e heterogênea (LOPES, 2015).

Essa percepção nos colocava em meio as linhas molares e moleculares (DELEUZE; PARNET, 1998) que atravessavam os currículos e diante da fixidez, cristalização e homogeneização das propostas, as crianças em seus dizeres e gestos potentes nos tiravam do lugar, nos inquietavam e nos mobilizavam ao encontro dos currículos e suas existências mínimas (LAPOUJADE, 2017). Os currículos habitavam o cotidiano, em composição com os corpos das crianças e suas invenções, necessitando apenas de um gesto para afirmar a novidade da sua existência. Mas, como pensar essa relação em meio a esses atravessamentos e as relações com essas diferentes linhas? Larrosa (2002, p.25) parece nos dar uma pista quando diz, que “[...] requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar [...]”. A esse respeito Lapoujade (2017) também nos provoca a pensar, quando afirma que: “No cosmos das coisas, há aberturas, inúmeras aberturas desenhadas pelos virtuais. Raros são aqueles que as percebem e lhes dão importância; mais raros ainda aqueles que exploram essa abertura em uma experimentação criadora (LAPOUJADE, 2017, p. 44).

As crianças afirmavam a vida dos currículos, à medida que nos convidavam a nos envolvermos com ele, refletirmos sobre e com ele (CARVALHO, 2009). E assim, criavam linhas de fugas nos currículos prescritivos que operavam na escola, produzindo brechas nos encontros com os corpos disparados pelo devir-criança. Inaugurando outras composições, e uma abertura para outros modos de existir (LAPOUJADE, 2017).

A potência dos dizeres e do gesto da criança colocada na epígrafe dessa discussão, instiga-nos a problematizar a potência dos afetos, e como os desejos das crianças se fossem escutados, produziriam uma infância para os currículos, tornando-os mais alegres, pulsantes, vibrantes. Uma infância como “um modo (curioso, inquieto, encantado) de viver a vida” (KOHAN, 2021, p. 24), onde se sujar seja algo possível e não passível de controle. Pensar currículos-outras abertos aos encontros e que fazem

emergir a novidade do outro! A novidade de Mônica e seu desejo de se sujar, “*porque faz mais alegria*”.

Na instauração com materiais artísticos emergiu o gesto das crianças e seus dizeres potentes. As crianças reinventavam o uso comum das coisas. Transformando seus corpos em corpos-telas, “se sujando” e vivendo a alegria daquele encontro. Foi assim, que Mônica fez um rasgão em meio aos discursos adultocêntricos sobre a assepsia da escola, a ordem, a atividade artística limitada a uma folha A4. Convidando-nos a experienciar àquele momento.

Em meio aos risos, à vida, às cores, às tintas, às misturas várias, aos corpos, à “sujeira”, as crianças rompiam com as limitações da realidade e nos transportavam para um mundo cujo imperativo era a imaginação, pois “– imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova” (BACHELARD, 2001, p. 2). Essa vida é expressa por Corazza (2013) quando nos apresentou as crianças como artistas a partir de encontros deleuzianos,

Artistas porque, definindo-se como sensíveis, fazem as mesmas coisas que a Arte. Ou seja, tanto as crianças Cartógrafas-Impessoais como a Arte não ordenam lugares, mas abrem rasgões para o Fora; movimentam-se sobre um devir-infantil e sobre o esquecimento da história e o abandono das lembranças de infância; percorrem passagens e linhas erráticas de materiais flexíveis e heteróclitos; desenroscam anéis de superfície pura, sem interior nem exterior; conectam e desconectam inimagináveis zonas de vizinhança; jogam pedras numa velocidade infinita contra todos os organismos; realizam viagens histórico-mundiais, sem saírem do Continente da Infância e da Arte; abrem e fecham portas, telhados e planos, enlouquecendo totalmente o pensamento do bom senso da Infância e do senso comum da Arte. (CORAZZA, 2013, p. 21).

Em suas artistagens as crianças e a infância convidavam os habitantes daquele território, à liberdade! Uma libertação da vida comum e continuamente repetida para uma vida presentificada no presente, onde a escola e os currículos sejam *espaçostempos* de alegria, a partir de um olhar capaz de “desformar o mundo” (BARROS, 1996, p. 51).

Em Manoel de Barros “desformar” seria outro possível para pensar os currículos na Educação Infantil e nos Anos Iniciais. Possibilitar outros sentidos, outras linguagens, outras descobertas, curiosidades, criatividade, experiências, ao invés da interrupção da ficção (SKLIAR, 2019) que por vezes, se apresenta em um contexto de escolarização excessiva das crianças (SKLIAR, 2012).

Escolarização que atravessa em suas linhas molares o final da pré-escola, mas também se fazia presente na chegada das crianças aos anos iniciais. Nesses *espaçostempos* em meio as atividades e a celeridade do tempo (SKLIAR, 2012) as crianças nos convidavam a experienciar outros tempos, outros modos de ver e pensar e fazer Escola. Assim as crianças em suas artistagens e através dos Gestos da Infância nos convocam a “empobrecer nosso olhar” (MASSCHELEIN, 2008) para olhar as miudezas do

cotidiano e perceber o que emerge nesse encontro. Gestos pensados como a ação que possibilita a existência tornar-se real e visível, através do seu modo de existir.

Professora Catirina:

*Eu não sou, nem faço nada especial!*

Branca de Neve:

*É, tia. Você é! Você ensina muitas coisas pra gente. Você ensina a gente a olhar com um bocado de olhos, porque a gente enxerga mais rápido as coisas!*

(DIÁRIO DE CAMPO, 2019, TURMA DO 1º ANO)

Instauramos junto as crianças movimentos que nos ajudaram a pensar a Escola de um modo mais infantil, uma escola que pode talvez nos ensinar a “olhar com um bocado de olhos...”, os currículos-outros que habitam esse cotidiano. Nesse sentido, concordamos com Maia (2017, p. 14) quando nos diz que “Estar atento ao que é trazido pelas crianças caracteriza um currículo sobre o qual não há previsão segura, embora haja planejamento e responsabilidade do adulto”. Esse currículo sobre o qual não há previsão segura remete-nos à ideia da hospitalidade incondicional, que exige uma abertura prévia para alguém que não é esperado “para quem quer que chegue como um visitante absolutamente estranho, como um recém-chegado, não identificável e imprevisível, em suma, totalmente outro.” (DERRIDA, 2003, p. 15). As crianças e a infância com seus gestos e dizeres nos convocam a olhar para alteridade, enquanto um convite ao encontro do outro, de nós mesmos e por que não dos currículos? Currículos onde as experiências das crianças sejam potencializadas. Currículos abertos aos imprevistos e não somente a organização (FARIA; LOURENÇO, 2012).

Assim, a partir desse gesto de hospitalidade, acreditamos que “(...) já não é mais possível operar com qualquer tipo de currículo: a não ser currículos plurais, que podemos chamar por diferentes nomes [...]” (CORAZZA, 2013, p. 27-28), que seriam, em outras palavras, currículos atentos as necessidades das crianças, abertos ao novo, à pergunta infantil, currículos que questionem suas próprias limitações e que escapem em linhas de fuga, invencionando sempre novas formas de olhar ao redor e de afirmar suas existências. Currículos instituídos e desenhados em meio às conversações, encontros, experiências, saberes e afetos (CARVALHO, 2012) e pensados pelos habitantes dos cotidianos, a partir do gesto de dar a escuta (SKLIAR, 2019) às vozes das crianças, mas também das professoras, coordenadoras, para a composição de outros modos de aprender na escola, modos mais alegres, brincantes, potentes, inventivos, coloridos, cheios de curiosidade e prazer.

## 5. (DES) COMEÇOS... PARA NÃO CONCLUIR...

Apostamos no gesto de caminhar com as crianças no território *currículoescola* em meio as mapas traçados pela infância. Em aberturas ao gesto da hospitalidade para “dar a escuta” aos dizeres, saberes, fazeres das crianças, como gesto para experienciar a escola e os currículos de uma forma infantil.

Nesses (des)caminhos nos encontramos com as crianças-cartógrafas, com Mônica e Branca de Neve, mas também com as professoras e demais habitantes daqueles territórios. Em linhas afetivas ensaiamos uma tentativa de problematizar a discussão curricular a partir dos que as crianças expressavam em suas artistagens e experiências criadoras, invencionadas em linhas de fuga.

Com um “bocado de olhos” fomos convidadas a perceber a vida dentro dos currículos da Educação Infantil e dos anos iniciais, dentro de uma perspectiva da micropolítica que atravessa a infância com a qual nos aproximamos: como devir, o aión, acontecimento, experiência, criação. Um convite para olhar para o que não víamos antes e em meio aos encontros perceber essas linhas de fugas e ir ao encontro das existências mínimas no cotidiano escolar.

Em nossa abertura para aprendermos com as crianças e a infância foi possível percebermos como elas tensionavam as formas universalizadas, majoritárias e prescritivas que envolviam os currículos. Como mapeadoras extensivas e intensivas dos meios (CORAZZA, 2013) criavam formas desterritorializadas de pensá-los, em outros movimentos de vida, proliferando ensaios artísticos, poéticos e alegres. Como um convite para habitar o aión e artistar a composição de currículos-outros, desenhados, pela infância, com linhas coloridas e flexíveis, instaurando a produção da alegria como princípio de uma infância para os currículos, que resiste às tentativas de controle, à tristeza, à mesmice e que se afirma como novidade.

Partindo de ações transgressoras e de resistência das crianças, acreditamos na possibilidade de ir ao encontro das existências dos currículos que emergiram nesse encontro: Currículos- plurais (CORAZZA, 2013) abertos ao inesperado, à novidade, ao espanto, à alteridade, à experiência, à alegria de estar junto e de poder se sujar. Currículos presentes no presente e que emergem da própria infância, em seus devires e traçados rizomáticos, com tintas coloridas e pinceis, em seus corpos-telas. Currículos que se abram à acolhida da estrangeiridade da infância e que hospedem, também, sua

língua, sua questão, tal como nos provoca a pensar Derrida (2003) na hospitalidade incondicional por ele desejada.

E para não concluir, deixamos esse movimento escriturístico aberto, com uma pergunta para mobilizar o pensamento: O que pode um currículo da Educação Infantil e dos Anos Iniciais que hospeda a potência dos gestos e dizeres das crianças e da infância?

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: UFMG/Humanitas, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim**: notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **Notas sobre o gesto**. Artefilosofia / Instituto de Filosofia, Artes e Cultura / Universidade Federal de Ouro Preto/IFAC, n.4, (jan.2008). Ouro Preto: IFAC, 2008.

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. In: 25ª Reunião Anual da ANPEd. Maio/Jun/Jul/Ago Nº 23, Anais... Caxambu, MG, 2003. p. 62-74. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzi7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mai. 2019.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3ª ed. Rio de Janeiro- São Paulo. Editora Record, 1996. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Livrosobrenada-manoel-de-barros.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: As Infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

BARROS, Manoel de. **Poemas rupestres**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 75 p.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Seção 1, p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

BURITY, Joanildo. **Hospitalidade, amizade e os imperativos da ordem social.** In: LOPES, Alice Casimiro Lopes; SISCAR, Marcos (Orgs.). **Pensando a política com Derrida: responsabilidade, tradução, porvir.** – São Paulo: Cortez, 2018.

CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Infância em territórios curriculares.** Petrópolis, RJ: DP&A, 2012.

CARVALHO, Janete Magalhães. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos.** Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto-Alegre-RS: Doisa, 2013.

CRUZ, Rosimeire Costa de Andrade. **A pré-escola vista pelas crianças.** 2009. Trabalho apresentado no GT 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos. Anais da 32ª Reunião Científica da ANPEd. Caxambu, Outubro de 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT07-5619--Int.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4 / tradução de Suely Rolnik - São Paulo: Ed. 54, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade.** Tradução de AntonioRomane. São Paulo: Escuta, 2003.

FARIA, Ana Paula R. LOURENÇO, Suzany Goulart. Por uma política do sensível na experiência do currículo: encontros e desencontros. In: CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). **Infância em territórios curriculares.** Petrópolis, RJ: DP&A, 2012, p. 154-168.

HANSEN, João Adolfo (2002) “Educando príncipes no espelho”. In FREITAS, Marcos Cezar de & KUHLMANN JR, Moysés. (orgs.) **Os intelectuais na história da infância.** São Paulo: Cortez Editora, 61-98

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: O conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter Omar. (org.) **Lugares da infância: filosofia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar. Infância e filosofia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cristina S. (Orgs.). **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância. Ensaios de filosofia e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire: um menino de 100 anos.** - 1 ed. - Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas.** São Paulo: n-1 edições, 2017, 128p.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira da Educação, jan./abr., n.19, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 abr. 2019.

Larrosa, Jorge. O enigma da infância: ou o que vai do impossível ao verdadeiro. *In: Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 183-198.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOPES, Alice Casimiro. **Por um currículo sem fundamentos**. Linhas Críticas, vol. 21, núm. 45, maio-agosto, 2015, pp. 445-466 Universidade de Brasília Brasília, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1935/193542556011.pdf>. Acesso em: 24 mai.2019.

MAIA, Marta Nidia Varella Gomes. **Datas comemorativas – uma construção ideológica que persiste na educação infantil**. – Trabalho apresentado no GT 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos. Anais da 38ª Reunião Científica da ANPEd. São Luiz do Maranhão, Outubro de 2017. Disponível em: [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT07\\_25.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT07_25.pdf). Acesso em: 05 mai. 2019.

MASSCHELEIN, JAN **E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre**. Educação & Realidade, vol. 33, núm. 1, enero-junio, 2008, pp. 35-47. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227051005.pdf>. Acesso em 31 nov. 2021.

PEREIRA, Dulcimar. Entre conversas, bonecos e currículos. *In: CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). Infância em territórios curriculares*. Petrópolis, RJ: DP&A, 2012, p. 94-111.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. **Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças?** Trabalho apresentado no GT 07 Educação de Crianças de 0 a 6 anos. Anais da 34ª Reunião Científica da ANPEd. Natal, Outubro de 2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT07/GT07-1092%20int.pdf>. Acesso em: 05. Mai. 2018.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; **Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor**. *In: RIBEIRO, Tiago.; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 21-40.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das Diferenças**. Ed. Mediação. 1ª ed. 2019.

SKLIAR, Carlos. **Derrida & a educação**. 1ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2008ª.

SKLIAR, Carlos. **La infancia, La ninez, Las interrupciones**. Childhood & Philosophy, vol. 8, núm. 15, enero-junio, 2012, pp. 67-81, Universidade do Estado do Rio de Janeiro Maracanã, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512051606004> Acesso em: 31 mai.2018.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.